

## **RELAÇÃO ENTRE SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL E CLIMA ORGANIZACIONAL NA FEIRA da 25 de SETEMBRO, EM BELÉM (PA)**

Sílvia Pires da SILVA

SILVA, Sílvia Pires da. **Relação entre sustentabilidade ambiental e clima organizacional na feira da 25 de Setembro, em Belém (PA)**. Projeto de investigação científica, do Curso de Administração – Centro Universitário Fibra, Belém, 2019.

As feiras livres destacam sua presença no cotidiano das pessoas por apresentarem-se como o primeiro local de compra e venda de produtos. Caracterizam-se como um reflexo da cidade na qual está situada, e assim mostra a multiplicidade de indivíduos que se relacionam e a transformam em um lugar único (JESUS; DAMERCÊ, 2016). Isso faz compreender que as feiras livres podem significar um conjunto de valores materiais e simbólicos, pois a compra, venda e troca de mercadorias também podem promover sentimentos de confiança, reciprocidade e amizade. Nas feiras, a maioria dos feirantes possui um trabalho duro e pesado. A excelente comunicação com seus fornecedores e clientes e um bom serviço atrelado ao

seu produto de venda garantem sustento diário e qualidade de venda, mas diversos fatores como problemas sociais, físicos, educacionais, socioeconômicos e ambientais, fazem suas vendas caírem, comprometendo as negociações de seu negócio. O objetivo deste projeto de pesquisa foi verificar os fatores que favorecem o desenvolvimento das atividades dos profissionais da feira da 25 de Setembro, em Belém (PA), considerando a relação entre sustentabilidade ambiental e clima organizacional. Considera-se a execução desta proposta de fundamental importância para o conhecimento dos diversos fatores que implicam a dinâmica do trabalho desenvolvido nas feiras livres na cidade de Belém. Trata-se de um trabalho teórico e empírico, de natureza descritiva. Para a coleta de dados, utilizaram-se questionários com quinze perguntas. Foram entrevistados 124 trabalhadores. A origem da Feira da 25 de Setembro deu-se pela vinda de comerciantes da Feira de São Brás com mercadorias orgânicas e inorgânicas, iniciando-se com um pequeno aglomerado de feirantes. Seu nome veio do nome da avenida 25 de Setembro, que, mesmo tendo seu nome modificado para a avenida Rômulo Maiorana (homenagem ao fundador da Fundação Rômulo Maiorana,

atual grupo Liberal filiada à Rede Globo de Televisão), não houve alteração do seu nome. Não foram identificados registros do ano de sua criação, mas, a partir das entrevistas com os feirantes mais antigos, soube-se que teve início em meados dos anos 80, passando pela sua primeira reforma no ano de 2009. Segundo o *site* Toda Matéria (2015), as feiras originaram-se no final da idade média, exatamente na intensificação do comércio em algumas cidades europeias. Nesse período, por conta da cultura de época religiosa, as mulheres eram apenas vinculadas a serviços domésticos e familiares, e, assim, os homens dominavam esta área como ainda hoje, apesar do crescimento do gênero feminino nas feiras. Constatou-se que 39% (48) são do gênero feminino, que a maior parte dessas mulheres trabalha com ervas, alimentos e vegetais. Brumer (2004) afirma que as mulheres tiveram uma grande contribuição para o desenvolvimento da agricultura, com o plantio de diversas alimentos e vegetais. Em relação à idades dos feirantes, 2% possuem até 20 anos; 2%, entre 21 e 25 anos; 11%, entre 26 e 35 anos; 22%, entre 36 e 45 anos e 63%, acima de 45 anos. A maioria possui idade bem avançada por continuarem seus negócios por muitos anos. Esses passam seus empreendimentos para filhos, irmãos,

parentes próximos ou amigos, na faixa entre 21 a 45 anos. A Feira da 25 é um local com pessoas com baixo nível de instrução por serem pessoas de baixa renda. Segundo Souza (1999), a elevação das taxas de alfabetização deu-se a partir do início deste século. Mesmo com as melhorias, o Brasil ainda ocupa uma posição inferior em comparação com outros países. Observou-se que 2% (2) não possuem qualquer grau de escolaridade ou não souberam informar. Alguns feirantes sequer buscaram uma escolaridade por ser ensinado, no âmbito familiar, que não existiria outro caminho, a não ser o trabalho. Outros 13% (16) informaram que possuíam apenas o ensino fundamental incompleto, 23% (29), que possuíam apenas o ensino fundamental completo e 9% (11), que possuíam o ensino médio incompleto. Esses dados demonstram outra realidade bastante comum em nosso país, que é o abandono das salas de aulas, segundo Frigotto, Gaudêncio & Ciavatta (2004). Outros 44% (55) informaram que possuíam apenas o ensino médio completo, 6% (7) e 3% (4), possuíam o ensino superior incompleto e ensino superior completo, respectivamente. O fato de haver feirantes desses dois últimos grupos representa a evolução e a profissionalização das feiras da nova era. Segundo

Wood Jr. e Caldas (2007), uma organização que deseja inovar deve necessariamente procurar acompanhar e assimilar as mudanças ou contribuir para estas em seu ambiente de negócios. Grande da parcela dos feirantes afirmou que quase sempre (56%) e sempre (38%) faz uma rotina diária de limpeza em seu ambiente de trabalho. Czarneski (2010) afirma que, para se trabalhar bem, precisa-se estar num ambiente agradável, limpo, organizado, de fácil acesso. Foi observado que uma parcela dos feirantes não está adequadamente mantendo a higienização do seu ambiente laboral. A maioria dos feirantes limpa apenas onde estão expostos seus produtos e o espaço de sua locomoção, deixando de higienizar locais outros em que há insetos, poeira, lixo orgânico e entulhos. Boa parte dessa questão deve-se à baixa escolaridade e à falta de conhecimento em relação ao tratamento da higienização e organização dos produtos e do local de trabalho. Segundo Ferreira (2015), às vezes mentimos ou omitimos porque temos medo do julgamento alheio. Os feirantes detêm certo medo de apresentar falhas na limpeza por seus espaços de trabalhos serem ambientes de comercialização de alimentos e refeições. Observou-se que 4% (5) mantêm certo um grau de limpeza

do seu ambiente de trabalho, demonstrando que poucos feirantes desconhecem os riscos biológicos e o quanto isto defasa seu ponto de venda. Outros 42% (52) afirmaram dar alta importância à limpeza do seu ambiente de trabalho. Observou-se que 11% (14) possuíam até 1 ano de trabalho na feira, 13% (16), de 2 a 5 anos; 16% (20), de 6 a 9 anos e 60% (74) já se encontravam a, pelo menos no mínimo, com 10 anos. Os que permanecem mais tempo é porque gostam do que fazem. Os feirantes afirmaram que se sentem felizes e motivados no seu dia a dia, junto aos seus parentes, amigos e clientes. A transição familiar ocorre, na feira, de pai para filho, apresentando o que acontece comumente nas empresas familiares. Brockhaus (2004) afirma que o processo sucessório é um momento significativo no ciclo de vida da empresa familiar. Grande parcela dos feirantes mantém uma relação de cooperação entre eles. Os que consideram a relação boa ficou com cerca de 54% e excelente, 32%. Pôde-se observar que mais de 80% dos feirantes possuíam uma comunicação afetiva laboral dentro dos padrões de um sistema social. Constataram-se variáveis de relacionamento, como a amizade, a cooperação e os relacionamentos abertos de amizade entre eles. Alguns não simpatizam com outros

pela maneira de trabalho ou pelo estilo de vida seguido. Uma pequena parcela de 14% afirma que a feira é excelente, seja em infraestrutura ou em suas vendas. Esses são os que mais investem em seus negócios ou possuem mecanismos para fluidez em suas vendas. A parcela de 41% afirma que a feira se encontra em um estado "bom", com poucas modificações infraestruturais e comercialização de produtos. Observou-se haver diversas avarias ao redor da feira e em seu complexo. O percentual de insatisfeitos com a feira foi de 10%. Esses afirmaram que o supermercado, a baixa movimentação de fregueses dentro da feira, afalta de limpeza e a precária infraestrutura fazem com que as suas vendas declinem ou percam para o seu concorrente próximo. A maioria dos feirantes, 94%, disseram gostar do seu trabalho. Robbins (2002) define o termo "satisfação com o trabalho" como a atitude geral de uma pessoa em relação ao trabalho que realiza, onde esta pessoa pode ter um alto nível de satisfação e apresentar atitudes positivas como também pode ter insatisfação e apresentar o oposto, atitudes negativas. Esses feirantes afirmam que o gosto pela comercialização vem desde pequeno, passando de geração a geração, e que o hábito de comercializar e se comunicar os fazem felizes e não

envolve somente os ganhos financeiros, mas a satisfação de ajudar o próximo. Caldeira (2003) avalia que a satisfação é uma atitude geral da pessoa face ao seu trabalho. Para o autor a satisfação envolve as atividades desempenhadas, a interação entre colegas, o seguimento de determinadas regras, normas e políticas organizacionais, o alcance de objetivos e as condições de trabalho. Observa-se que não há desmotivação ou desprezo pelo trabalho que os feirantes realizam, mas sim foco em suas vendas para alcance de seus objetivos pessoais. Em relação à satisfação, 74% afirmaram que se sentem felizes no ambiente da feira. Para Spector (2003), a satisfação no trabalho refere-se aos sentimentos dos indivíduos com relação a diversos aspectos relacionados ao serviço. Já Siqueira (2008) refere-se à satisfação no trabalho como situações prazerosas como vivência na organização, como relações com colegas, supervisores, remuneração e o próprio trabalho. Concordando com Siqueira e Spector, Muchinsky (2004) menciona a satisfação no trabalho com sentimentos que a pessoa tem em relação a algumas dimensões. A grande parcela dos feirantes gosta da prática de vendas e negociação. Os que afirmaram quase sempre, 16% do total, não se sentem tão

realizados por motivo do cansaço diário, pelas dificuldades financeiras e crises familiares que, às vezes, permeiam seus pensamentos, pela infraestrutura local, pelos seus concorrentes e por outros aspectos. Siqueira (2008) salienta a importância em avaliar os retornos ofertados pelo trabalho, em forma de remuneração, desenvolvimento empreendedor, convivência com colegas e realização das tarefas. Constata-se que esses feirantes não se sentem realizados pelo tipo de ambiente no qual se encontram. Observou-se que 65% afirmaram que nenhuma emoção afeta seus trabalhos laborais, concentram-se nos seus afazeres e nas suas prospecções de vendas sem diminuir a comunicação com seus colegas de trabalho (isolação), mesmo com ruídos e barreiras, não demonstram algum abatimento emocional (tristeza, baixa autoestima ou cansaço mental). Por outro lado, houve quem afirmasse (24%) que raramente as emoções afetam sua concentração de prospectar clientes e negociar. Em 1997, Mayer e Salovey enfatizam que os relatos dos feirantes decorrem do fato de aprenderem com o seu dia a dia. Cerca de 48% dos feirantes afirmam que não gostam de receber ou realizar opiniões acerca de diversos assuntos sobre seu negócio. Para eles a “opinião” significa

“intervenção”. Raramente (25%), quase sempre (16%) e sempre (10%), ou seja, 51% dos feirantes aceitam alguma crítica, conselho para realizar melhorias em seu ambiente laboral. Segundo Marques (2018), o que terceiros pensam em relação à sua própria vida é um grande desafio para muitos, mas é necessário para que se exerça algo muito importante: a liberdade de ser quem é e de agir de acordo com seus valores e convicções. Metzler (2019) diz que “vivemos em sociedade e a opinião dos outros pode ser importante, desde que venha para somar”, mas também pode ser um grande limitador. Observou-se que 9% estão expostos aos riscos de produtos químicos (RPQ), 54% com vibrações (VIB), 64% com ruídos (RDS), 52% com parasitas (PAR), 84% com alternância de temperatura (calor/frio) (ALTCF), 38% com radiações (RAD), 56% com bactérias (BAC) e vírus (VIR), respectivamente, e 33% com outros riscos (OTS). O ambiente das feiras livres é conhecido por possuir um grau elevado de vibrações decorrentes de ruídos ou barulhos de carros, pessoas gritando, grande movimentação e sons oriundos das atividades operacionais, o que acaba gerando desconforto para algumas pessoas. Também são encontrados riscos biológicos. Vários estudos relacionados a esses riscos

apresentam que nesses ambientes não há conhecimento de manipulação e comercialização de alimentos, os locais não possuem condições necessárias de higiene e a estrutura física do local é precária, resultando em riscos à saúde pública e ocasionando a proliferação de doenças que podem afetar tanto os consumidores quanto os feirantes (ALMEIDA, 2011). É importante identificar quais são as principais causas que levam à contaminação, uma vez que a manipulação é o processo por meio do qual ocorre a maioria das contaminações. Manipulador é a pessoa que lava, descasca, corta, rala, cozinha, ou seja, prepara os alimentos (BRASIL, 2004, p. 52). As pessoas que trabalham no manuseio de alimentos devem ser esclarecidas sobre métodos de conservação, manipulação e higienização por meio de cursos de manipulação de alimentos, para evitarem contaminação e consequentes agravos à saúde dos consumidores. Os fatores climáticos juntamente com essas questões aumentam os fatores de riscos e influenciam negativamente na saúde do indivíduo (ALMEIDA, 2011). Nas feiras, o fator predominante é o calor. Para Murbach (2007), a permanência, nesses ambientes, gera uma série de complicações à saúde que pode interferir no desenvolvimento do trabalhador em

exercer suas atividades laborais por meio de alterações neurológicas ou físicas. De acordo com a norma regulamentadora 15 (NR15), o calor possui limites de tolerâncias à exposição e, com a temperatura elevada, o indivíduo pode estar sujeito a sofrer riscos de acidente, pois, nessas condições, seu rendimento físico e mental é reduzido, acarretando em disfunções de percepção e raciocínio (VALORCRUCIAL, s/d). Observou-se que 18% dos feirantes utilizam equipamentos de proteção coletiva (EPC) para evitar os riscos, 5%, equipamentos de proteção individual (EPI), 37% diminuem o tempo de exposição aos riscos (DTR), 23% adquirem informação/formação sobre os riscos potenciais de exposição (ADIR), 6% adquirem informação sobre o modo de utilização dos equipamentos (ADIE), 72% utilizam procedimentos de controle médico (PCM) periódicos para prevenção, 49% seguem uma alimentação equilibrada (PAE) e 6% utilizam outros meios (OTS) de prevenção. Segundo Castilho (2010), o investimento em segurança no trabalho no Brasil, infelizmente, ainda é visto por muitos como um custo a mais. As mortes, acidentes e doenças relacionadas ao trabalho são uma questão de saúde pública muitas vezes "invisível" e até "naturalizada". Seja em casa ou no

trabalho, o dever de todos é de proteger a integridade física e mental dos trabalhadores (EPIS, 2017). No Brasil, a irresponsabilidade e a negligência relacionadas à saúde e segurança são imensas, mas infelizmente são tratadas como algo naturalizado (BITTENCOURT, 2019). De acordo com Guimarães (2018), as feiras livres possuem o maior nível de mão de obra desqualificada gerando o descaso em relação ao uso e manuseio dos alimentos. Não há nenhum incentivo por meio de políticas públicas para a formação com manipulação de alimentos. Observou-se que mais de 70% dos feirantes sentiram-se satisfeitos com a aplicação da pesquisa; 23% concordaram que a pesquisa é fundamental para enriquecimento do conhecimento acerca das feiras da capital paraense, mas a grande maioria afirmou que a pesquisa não levaria benefício concreto em sua vida diária. Compreender o ambiente da atividade de feirantes possibilitou observar a importância de se realizar mais debates no meio científico. Na busca por literaturas referentes ao tema, observou-se baixa produção de trabalhos acadêmicos referentes a esse tema. Esta pesquisa é pioneira neste assunto e abordagem, no Pará. Esta pesquisa também pode proporcionar uma abertura a

trabalhos de extensão, contribuindo para um novo modelo de apoio emocional e qualidade de vida no trabalho às feiras. Também pode servir de apoio aos órgãos públicos competentes para direcionar projetos de maior conscientização em educação ambiental, relações humanas, controle de riscos ambientais, coleta seletiva dos lixos, higienização, manipulação de alimentos, melhoria de infraestrutura, etc., para qualidade de vida dos feirantes e os serviços prestados à sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, Naomar de. **O que é Saúde?**. Rio de Janeiro. Editora: Fiocruz, 2011, p. 160.

BITTENCOURT, Fábio **Brasil ocupa quarta posição no ranking de acidentes de trabalho**. Disponível em: <<https://atarde.uol.com.br/empregos/noticias/2058823-brasil-ocupa-quarta-posicao-no-ranking-de-acidentes-de-trabalho>> Acesso em: 08 out 2019

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 216, de 15 de setembro de 2004. **Regulamentos Técnicos sobre de Boas Práticas para Serviços de Alimentação**. Disponível em: <<http://legis.anvisa.gov.br/leisref/public/>>

showAct.php?id=25129&Word>. Acesso em: 20 set. 2019.

BROCKHAUS, R.H. Family Business Successions: suggestions for future research. **Family Business Review**, v.17, n.2, p. 165-177, jun. 2004.

BRUMER, Anita. **Gênero e Agricultura: A Situação Da Mulher Na Agricultura Do Rio Grande Do Sul**. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2004000100011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000100011)>. Acesso em 28 dez 2019.

CALDEIRA, Patrícia. Satisfação. **Psicologia Social**. Disponível em: <[http://www.lusiada.org/files/psic/Satisfacao\\_Acetatos.pdf](http://www.lusiada.org/files/psic/Satisfacao_Acetatos.pdf)>. Acesso em: 22 dez 2019.

CASTILHO, Ricardo. **A falta de investimento em segurança do trabalho**. Disponível em: <<http://www.cartaforense.com.br/conteudo/colunas/a-falta-de-investimento-em-seguranca-do-trabalho/5429>>. Acesso em: 08 de out 2019

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução a teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações**. 7<sup>o</sup> Edição – Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CZARNESKI, E. R. **A Organização No Ambiente De Trabalho**. Disponível em: <<https://administradores.com.br/artigos/5s-a-organizacao-no-ambiente-de-trabalho>>. Acesso em 16 dez 2019.

EPIS. **A importância da segurança do trabalho**. Disponível em: <<https://www.prometalepis.com.br/blog/157-a-importancia-da-seguranca-do-trabalho/>>. Acesso em: 09 out 2019.

FERREIRA, Patrícia tala. **Clima Organizacional e qualidade de vida no trabalho**. Editora: LTC, 2015. Páginas: 110-140.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

FRIGOTTO, Gaudêncio & CIAVATTA, Maria (orgs.). **Ensino médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília, MEC/SEMTEC, 2004, 338p.

GUIMARÃES, B. R. A.; Nascimento, F. das C. A. do; GOMES, R. S. L. da C. e S. Prática na manipulação de alimentos em duas feiras livres de Belém, PA. **Higiene Alimentar** - Vol.32 - nº 276/277 - Janeiro/Fevereiro de 2018. Disponível em: <<http://docs>>.

bvsalud.org/biblioref/2018/04/883092/276-277-site-48-52.pdf>. Acesso em 09 jan 2020.

JESUS, Danuzia Xavier de; DAMERCÊ, Naiane Oliveira. Feira e Lugar: Um Olhar Humanista Sobre a Feira-Livre de JAcobina-BA. 2016. 66 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Geografia, Departamento de Ciências Humanas - Campus Iv - Colegiado de Geografia, Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2016. Cap. 1.

MARQUES, José Roberto. **Opinião dos Outros – Até Onde Devo Me Importar?**. Blog do JRM. Disponível em: <<https://www.jrmcoaching.com.br/blog/opiniao-dos-outros-ate-onde-devo-me-importar/>>. Acesso em: 09 out 2019.

MAYER, J. D. & Salovey, P. **What is emotional intelligence?**. Em P. Salovey & D.J. Sluyter (Orgs.), Emotional development and emotional intelligence: Implications for Educators. Pg. 3-31, New York: Basic Books, 1997.

METZLER, Franz. **A opinião Dos Outros É Importante**. Disponível em: <<https://administradores.com.br/artigos/a-opiniao-dos-outros-e-importante>> Acesso em 16 dez 2019.

MUCHINSKY, Paul M. **Psicologia Organizacional**. São Paulo; Pioneira Thomson Learning, 2004

MURBACH. **Os danos do calor excessivo ao corpo humano**. Disponível em: <<https://www.minhavidade.com.br/beleza/materias/928-os-danos-do-calor-excessivo-ao-corpo-humano>>. Acesso em: 08 out 2019

ROBBINS, S. P.; JUDGE; T. A.; SOBRAL, F. **Comportamento Organizacional**. 14ª. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010

SIQUEIRA, Mirlene, Maria, MATias; TAMAYO, Alvaro. **Medidas do Comportamento Organizacional: ferramenta de diagnóstico e de gestão**. Porto Alegre; Artmed, 2008

SOUZA, Marcelo Medeiros Coelho de. **O Analfabetismo No Brasil Sob Enfoque Demográfico**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a07.pdf>>. Acesso em 21 dez 2019

TODA MATÉRIA. **História e origem das feiras**. Disponível em: <[www.todamateria.com.br/historia-e-origem-das-feiras/](http://www.todamateria.com.br/historia-e-origem-das-feiras/)&gt;. Acesso em 19 set 2019.

VALORCRUCIAL. **Temperaturas Extremas Calor e Frio.**  
Disponível em: <<https://valorcrucial.com.br/temperaturas-extremas.html>>. Acesso em 09 jan 2020.

WOOD JR, T.; P. CALDAS, **M. Empresas brasileiras e o desafio da competitividade.** Revista Administração de Empresas, São Paulo, v. 47,n. 3,p. 1-13,Sept. 2007.  
Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75902007000300006&lng=](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902007000300006&lng=). Acesso: 04 Out 2019.